

# **AGRICULTURA URBANA E PERIURBANA: produção de alimentos agroecológicos na Região Metropolitana de Belém, Pará**

Alessandro Viana Corrêa

Aquiles Vasconcelos Simões

Ana Julia Mourão Salheb do Amaral

## **Resumo**

A Agricultura Urbana e Periurbana (AUP) tem a potencialidade de fazer a população acessar alimentos agroecológicos, manter as áreas verdes nas áreas urbanas, valorizar produtos regionais, construir mercados agroecológicos e potencializar os circuitos curtos de comercialização e de aproximação. Nos últimos anos, houve um grande crescimento das atividades de AUP na Região Metropolitana de Belém (RMB), devido principalmente a mudanças de hábitos alimentares, as mudanças climáticas e a busca pela geração de renda das famílias. A pesquisa de cunho qualitativo foi realizada durante a vigência da bolsa de iniciação científica (CNPq/PIBIC) ao longo dos anos de 2022 a 2025, por meio de pesquisa bibliográfica sobre a temática e entrevista semiestruturada e observação participante com o Grupo para o Consumo Agroecológico (GRUCA) e demais participantes, com intuito de compreender quais aspectos contribuem para que a AUP se fortaleça em Belém. O trabalho tem como objetivo abordar as experiências de pessoas que realizam AUP na RMB e como essa atividade pode impactar positivamente a vida da população. Os resultados, a partir das entrevistas, demonstram que a AUP tem uma grande potencialidade na RMB. Conclui-se que a AUP pode trazer diversos benefícios dentro do âmbito social, ambiental e econômico.

Palavra-chave: Agroecologia; Belém/PA; Experiências agroecológicas

## **Abstract**

Urban and Periurban Agriculture (UPA) has the potential to enable the population to access agroecological foods, maintain green areas in urban areas, value regional products, build agroecological markets, and enhance short commercialization and proximity circuits. In recent years, there has been significant growth in UPA activities in the Metropolitan Region of Belém (RMB), mainly due to changes in eating habits, climate change, and the pursuit of income generation for families. The qualitative research was conducted during the tenure of the scientific initiation scholarship (CNPq/PIBIC) over the years 2022 to 2025, thru bibliographic research on the topic and semi-structured interviews and participant observation with the Agroecological Consumption Group (GRUCA) and other participants, with the aim of understanding which

aspects contribute to strengthening AUP in Belém. The work aims to address the experiences of people who engage in AUP in the RMB and how this activity can positively impact the lives of the population. The results, based on the interviews, demonstrate that AUP has great potential in the RMB. It is concluded that the AUP can bring various benefits within the social, environmental, and economic spheres.

Keywords: Agroecology; Belém/PA; Agroecological experiences

## 1. INTRODUÇÃO

A Agricultura Urbana e Periurbana (AUP) é uma forma de produzir alimentos agroecológicos em espaços urbanos e periurbanos, influenciando diretamente ou indiretamente na saúde da população, com o acesso aos alimentos sem agrotóxicos, valorizando o trabalho de agricultores(as) urbanos e periurbanos e fortalecer os circuitos curtos de comercialização e aproximação entre agricultores(as) e consumidores. Diversos autores e organizações conceituam a Agricultura Urbana e Periurbana como uma forma de produzir alimentos em áreas urbanas e periurbanas e que são alimentos livres de agrotóxicos (Madaleno, 2002; Zaar, 2015; CNAU, 2015; Curan; Marques, 2021). Observa-se que essa forma de agricultura não considera somente os aspectos econômicos, mas também os aspectos sociais, ambientais, coletividade, gênero e outras questões abordadas dentro dos princípios da agroecologia. Segundo a organização CIDSE, 2018 a agroecologia têm os seguintes princípios: econômico, político, ambiental e sociocultural.

Dentro do debate da AUP, é necessário mencionar os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), em específico os objetivos 11 e 12. O onze tem em seu objetivo “Cidades e comunidades sustentáveis”, em uma de suas metas, “11.a - Apoiar relações econômicas, sociais e ambientais positivas entre áreas urbanas, periurbanas e rurais, reforçando o planejamento nacional e regional de desenvolvimento”, além dessa meta, se tem mais nove metas que reforçam a sociedade a ter o objetivo das cidades mais sustentáveis. O objetivo doze é “Consumo e produção responsáveis”, esse objetivo traz em suas metas um acesso e produção de alimentos mais sustentáveis e livre de qualquer agrotóxico e que se reduza o uso de tantos insumos químicos. Esses objetivos estão de acordo com o que se preconiza com a atividade de agricultura urbana e periurbana, principalmente quando se trata de uma AUP agroecológica e com bases nos princípios da agroecologia.

Nos últimos anos essa atividade vem aumentando cada vez mais na Região Metropolitana de Belém (RMB), com os efeitos das mudanças climáticas e uma maior preocupação com alimentação e o meio ambiente, a sociedade começou a refletir sobre a importância de ter acesso aos alimentos sem agrotóxicos e manter as áreas verdes. Um estudo realizado pelo Instituto Escolhas em parceria com a prefeitura de Belém no ano de 2022, evidencia a potencialidade que essa atividade tem na RMB e como ela pode levar a população a acessar alimentos agroecológicos. No entanto, mesmo que se tenha diversas pesquisas, ainda sim existem entraves que estão relacionados a pouca valorização, divulgação e apoio por parte do poder público. As políticas públicas de AUP existem, mas não são colocadas em prática. Diante dessa lacuna, o trabalho busca investigar o potencial dessa atividade na RMB e evidenciar que há grupos engajados realizando agricultura na cidade, incentiva essa atividade e que ela pode fortalecer o mercado agroecológico local. É importante destacar que dentro da questão legislativa a lei municipal “Lei Ordinária nº 9916, DE 24 DE JULHO DE 2023”, essa é uma lei que “Institui a Política Municipal de Apoio à Agricultura Urbana e Periurbana de Belém, e dá outras providências”. Apesar de ser recente, demonstra um avanço quando reconhece o potencial desta atividade, o que serve para dar visibilidade e impulsionar os coletivos e as pessoas que a desenvolvem.

Para além da introdução, o artigo é dividido em mais cinco partes. A primeira são os aspectos metodológicos da pesquisa. A segunda parte trata sobre as diversidades das experiências, onde é exposto a grande diversidade na RMB. A terceira parte traz o recorte das experiências alimentares na RMB, aqui é colocado um pouco de cada experiência e como elas contribuem para esse crescimento da AUP. A quarta parte é sobre a construção dos mercados agroecológicos, na qual é feita uma discussão de como todas essas experiências contribuem positivamente para construção desses mercados e por fim as considerações finais.

## 2. METODOLOGIA

Este estudo foi conduzido com base nos planos de trabalho de iniciação científica vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), realizado entre 2022 a 2025<sup>1</sup>, onde as temáticas dos planos de trabalhos foram voltada à agricultura

---

<sup>1</sup> Planos de trabalhos intitulados: “Inovações Sociotécnicas na Agricultura Urbana e Periurbana de Base Agroecológica” (2022-2023); “Inovações Sociotécnicas e Saberes Agroecológicos” (2023-2024); “Agricultura Urbana e Periurbana: produção sustentável, alimentação saudável e consumo responsável” (2024-2025).

urbana e periurbana de base agroecológica. Inicialmente, foram utilizadas pesquisas bibliográficas, algumas no formato eletrônico e outras em livros físicos. Na sequência, para sistematizar os dados, foram necessários utilizar os trabalhos e as entrevistas que foram realizadas durante a vigência da bolsa. As escolhas dos entrevistados se deu por conta dos parceiros do Grupo de Estudos Diversidade Socioagroambiental na Amazônia que também é um Núcleo de Estudo em Agroecologia (NEA - GEDAF), ou seja, os agricultores(as) que fazem parte da teia do Grupo para Consumo Agroecológico e do Iacitatá Ponto de Cultura Alimentar (GRUCA+Iacitatá). Para além disso, foram realizadas pesquisas nos dias 3 e 4 de abril de 2025 com o coletivo Irmãs da Horta, na Região Metropolitana de Belém (RMB), onde foi utilizado uma entrevista semiestruturada com a idealizadora do coletivo. Para utilização de falas, nomes e imagens, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Optou-se, neste artigo, por uma abordagem mais qualitativa sobre a agricultura urbana e periurbana. Para Guerra (2014, p. 11) “na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social”. Mas por outro lado, se tem uma abordagem, não tão profunda, dos aspectos quantitativos. Nesse contexto, foi necessário saber olhar, ouvir e escrever (Oliveira, 1996).

Já com todas as informações coletadas, os dados foram sistematizados a partir de critérios como: a importância da agricultura urbana e periurbana agroecológica na RMB, as práticas agroecológicas, acesso aos alimentos saudáveis e os coletivos e organizações que realizam essas atividades.

### 3. DIVERSIDADE DAS EXPERIÊNCIAS NA AGRICULTURA URBANA E PERIURBANA NA RMB

Antes de adentrar na temática e nas experiências é necessário conhecer o conceito de Agricultura Urbana e Periurbana (AUP). Para Zaar (2015), a agricultura urbana é realizada em áreas reduzidas situadas nas áreas urbanas e a periurbana na qual comporta superfícies mais amplas que se situam nos perímetros das zonas consideradas urbanas. Um fator necessário para ser entendido é que a AUP tem uma multiplicidade. Para o Coletivo Nacional de Agricultura Urbana (CNAU, 2015):

Uma análise, ainda que breve, das experiências de agricultura urbana e periurbana (AUP) sugere de imediato uma multiplicidade de práticas,

expressões, espaços, atores e vocabulários, manifestações que estão intimamente ligadas aos seus contextos. Isso quer dizer que as práticas de agricultura urbana e periurbana são reveladas por um conjunto de situações em que se entrelaçam diversos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais, em dinâmicas que são típicas de cada lugar, de cada cidade (CNAU, 2015, p. 3).

Outra definição abordada é pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), onde a AUP é definida como práticas que produzem alimentos e outros produtos por meio da produção agrícola e processos relacionados e ocorre dentro das cidades ou em regiões vizinhas. A FAO também define essas formas de agriculturas como:

Ela envolve atores urbanos e periurbanos, comunidades, métodos, lugares, políticas, instituições, sistemas, ecologias e economias, utilizando e regenerando amplamente os recursos locais para atender às necessidades em constante mudança das populações locais, ao mesmo tempo em que atende a múltiplos objetivos e funções (FAO).

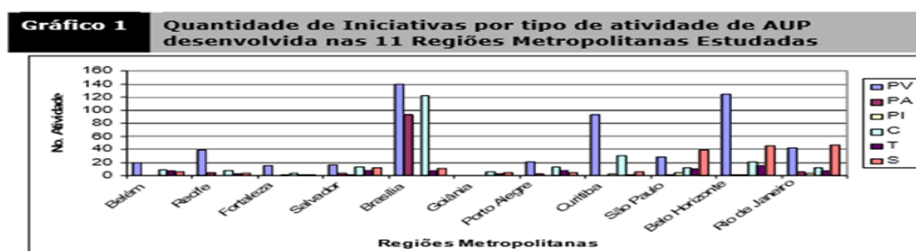
Existe uma vasta diversidade de atividades de Agricultura Urbana e Periurbana (AUP) com perspectiva agroecológica na Região Metropolitana de Belém (RMB). Uma dessas experiências é o Grupo para o Consumo Agroecológico (GRUCA). Segundo Souza *et al.* (2021) o GRUCA foi originado em 2014 e suas premissas é defender a agroecologia, consumo político, uma sociedade mais justa, igualitária e sustentável. Além disso, o GRUCA é considerado um Grupo de Consumo Responsável (GCR) na região metropolitana. Para Calabro e Retière (2016) um GCR é uma iniciativa de pessoas organizadas para acessar produtos que estejam alinhados com seus valores e pretende viabilizar a compra de alimentos saudáveis, assim como outros itens a preço acessível e também apoiar pequenos produtores. Além do GRUCA, se tem outras experiências na RMB, como por exemplo, as Irmãs da Horta, idealizada por Alzira Santos. As Irmãs da Horta é um coletivo de agricultura urbana e periurbana que empodera mulheres, promove a cultura alimentar agroecológica, gastronomia sustentável e o desenvolvimento comunitário (Plantaformas, 2024).

Muito importante mencionar dentro dessas experiências as feiras agroecológicas e orgânicas que ocorrem nos espaços urbanos de Belém, facilitando o acesso aos alimentos livres de insumos sintéticos. As feiras ocorrem na Praça Batista Campos, Praça Brasil, Praça do Horto, a Feira do Bem Viver que ocorre na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em Belém e a Feira de Agricultura Familiar que acontece dentro

da Universidade Federal do Pará (UFPA). As feiras agroecológicas são de grande relevância para quem vende e para quem consome os produtos. Segundo Santos, Oliveira & Bernardes (2018) são nessas feiras que se encontra alimentos livres de produtos químicos nocivos e a busca por um estilo de vida mais natural e socialmente justo, para além disso, tem os trabalhadores familiares que tem em seu estilo de vida o equilíbrio com a natureza.

Vale destacar dentro dessas experiências, as pessoas que fortalecem o consumo e a venda dos produtos agroecológicos na RMB. Com o caso do Iacitató ponto de cultura alimentar. O Instituto Iacitató atua com a valorização da cultura alimentar, soberania alimentar, dialoga sobre o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) e defende a luta dos povos originários e comunidades tradicionais (Souza et al., 2021, p. 30). É relevante mencionar aqui a visão que cada experiência tem que é a agroecológica, quando se trabalha com produtos agroecológicos se tem uma preocupação com várias questões na sociedade, seja ela social, ambiental ou econômica. Então, a maioria dessas experiências em Belém tem uma visão que vai de acordo com os princípios da agroecologia. Para Nakamura e Ranieri (2021), essa preocupação é no aspecto social, ambiental e econômico. Em uma visão geral dessas experiências, os agricultores(as) que realizam essa atividade no âmbito urbano ou periurbano tem uma grande preocupação nesse tripé (social, econômico e ambiental).

Em um estudo feito por Santandreu e Lovo (2007), os autores realizaram uma pesquisa em 11 aglomerados metropolitanos nas regiões do Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste. A Região Metropolitana de Belém - PA foi escolhida para realização do estudo na região Norte. O estudo traz dados importantes daquela época e as experiências com a AUP. Abaixo o gráfico elaborado pelos autores sobre a quantidade de iniciativas por tipo de atividade de AUP. Observa-se no gráfico que em Belém, naquela época, estava entre as regiões com menor quantidade de experiência.



Fonte: Elaboração própria com base aos relatórios locais (2007).  
 PV=Produção Vegetal; PA=Produção Animal; PI=Produção de Insumos; C=Comercialização;  
 T=Transformação; S=Serviços.

Figura 1- Quantidade de Iniciativas por tipo de atividade de AUP desenvolvida nas 11 Regiões Metropolitanas Estudadas pelos autores.  
 Fonte: Santandreu e Lovo (2007).

Neste estudo de Santandreu e Lovo, retrata um pouco da realidade da AUP em Belém e na Região metropolitana, como por exemplo, nos municípios de Santa Bárbara, Ananindeua, Marituba e Benevides. No cenário atual, em oposição aos dados observados anteriormente na pesquisa de Santandreu e Lovo no ano de 2007, houve novos estudos acerca da AUP na Região Metropolitana de Belém (RMB). Os estudos foram realizados com o Instituto Escolhas em parceria com a Prefeitura de Belém no ano de 2022. Segundo os dados obtidos, a Agricultura Urbana e Periurbana tem um grande potencial de abastecer 1,7 milhões de pessoas com legumes e verduras. Para além desses dados, a pesquisa traz algumas experiências na RMB, como por exemplo, a Ilha do Combu, Ilha de Cotijuba, Distrito de Mosqueiro, Bairro Val-de-cães e a Ilha de Caratateua. Essas experiências complementam mais ainda o que foi debatido no início deste tópico e com as outras experiências citadas. O estudo realizado pelo Instituto Escolhas só evidencia as potencialidades que a Agricultura Urbana e Periurbana tem na RMB e como o fortalecimento dela pode trazer benefícios à população.

Diante do que foi abordado acima, é notório que a AUP tem uma grande multifuncionalidade. Segundo Curan e Marques (2021), essa multifuncionalidade representa um modelo de agricultura que atende diversas demandas na sociedade, isto é, atende à demanda da proteção ambiental, segurança alimentar e a preservação de tradições culturais. Para além disso, Zaar (2015) argumenta que essa variedade de experiência é um amplo movimento, com diversos agentes, elementos e formas multifacetadas que coexistem no espaço e no tempo. As experiências de AUP nascem, principalmente, das reivindicações sociais por uma sociedade mais justa, pelo uso excessivo de insumos sintéticos e pela insegurança alimentar na cidade.

É interessante ter a percepção de que a maioria das iniciativas de agricultura urbana são, em geral, reivindicações sociais (Rosa, 2011, p. 11). Cada experiência citada acima tem suas nuances e suas lutas diárias na Região Metropolitana de Belém, seja para ter acesso a políticas públicas ou para que seu trabalho tenha mais visibilidade e a valorização dos seus produtos. Esse número crescente de experiências na RMB é importante para evidenciar que têm pessoas construindo os mercados alternativos para que os consumidores de Belém e ao redor tenham acesso aos alimentos derivados da agricultura urbana e periurbana e também da agricultura familiar, em muitos dos casos, são agricultores com perspectivas agroecológicas.

#### 4. RECORTE DAS EXPERIÊNCIAS ALIMENTARES NA RMB

Todas as experiências citadas acima trabalham com as perspectivas da agroecologia, em uma relação harmoniosa com a natureza, ou seja, não ver essa natureza como lucro, objeto ou somente para exploração. Para Azevedo (2011) os aspectos de horizontalidade entre as pessoas, troca de conhecimentos, construção coletiva do conhecimento, solidariedade e a valorização da cultura e dos saberes locais são algumas das características que faz da agroecologia uma ciência de seres humanos e leva em consideração o conjunto da sociedade.

Na RMB se tem a rede GRUCA+Iacitatá que traz muitas dessas perspectivas da agroecologia em sua organização e atividade, como por exemplo, o consumo responsável, valorização dos/as agricultores(as) e o consumo de alimentos agroecológicos. A rede GRUCA+Iacitatá teve importante contribuição para a melhoria da qualidade de vida dos (as) consumidores (as) que estão inseridos na rede, em razão de possibilitar o acesso aos alimentos agroecológicos (Souza *et al.*, 2021, p. 35). Além disso, a rede tem em seus princípios a valorização dos agricultores(as) que fazem parte da teia do GRUCA, assim como a valorização dos produtos comercializados. Para Souza (2021, p.35) “a necessidade e a importância de conviver com base em um consumo responsável, contribuindo com a preservação do meio ambiente e a valorização dos (as) agricultores (as) e suas histórias de vida”. Interessante ressaltar duas questões: a primeira é sobre o preço dos alimentos oferecidos que são estabelecidos pelos agricultores(as) e sem interferências de terceiros. O segundo é que os alimentos entregues aos consumidores são chamados de “Paneiros Cabanos”. Gonzaga, Guerra e Rocha (2015) explicam que esses paneiros são uma espécie de cesto amazônico e que o “Cabanos” é em homenagem à Revolução Cabana ocorrida na Amazônia entre os anos de 1835 a 1837. Com isso, a atuação do GRUCA+Iacitatá não somente traz benefícios ambientais, mas também, os benefícios sociais, nutricionais e econômicos.

Abaixo a tabela 1 mostra a diversidade de produtos que se tem na teia dos agricultores(as) que fazem parte da teia GRUCA+Iacitatá, além dessa parceria entre os agricultores(as), grupo de consumo e o ponto de cultura alimentar, eles(as) comercializam esses produtos nas feiras agroecológicas de Belém, sendo uma delas a feira que ocorre na Praça Brasil. Isso reforça ainda mais a importância da valorização e consumo desses produtos.

<b>AGRICULTORES(AS)</b>	<b>PRODUTOS</b>
Agricultora 1	Alface, biribá, cariru, cebolinha, cheiro-verde, chicória, couve, espinafre, hortelã, mastruz, menta, pimenta, pupunha, salsinha, taioba.
Agricultora 2	Farinha, goma, tucupi, maniva cozida, aves, ovos, jerimum, macaxeira, rambutan, tucumã, carne de jaca.
Agricultora 3	Banana in natura; banana desidratada, chocolate, mamão, macaxeira, ovos, massa para bolo (macaxeira), massa para beiju.
Agricultor 4	Abacaxi, acerola, maxixe.
Agricultora 5	Alface, batata doce, banana comprida, couve, salsinha, rúcula.
Agricultor 6	Coco seco, coco verde, jerimum, milho, macaxeira.
Agricultor 7	Acerola, abacate, banana, cacau, cariru, laranja, limão galego, mamão, mandioca, pupunha.

*Tabela 1- Diversidade de produtos dos agricultores(as) da teia do GRUCA+Iacitató. Fonte: GEDAF, 2022.*

Outra experiência necessária para ser colocada neste estudo é o das irmãs da horta, onde é um coletivo que atua na RMB que também leva em consideração as perspectivas da agroecologia, produção agroecológica e alimentação saudável. O coletivo é idealizado por Alzira Santos, que é Técnica em Agricultura Urbana. Em seu relato, antes de ter contato com a AUP, ela passou por situações difíceis na vida e com isso começou a plantar junto com seu filho mais velho e com essa atividade ela tira sua própria renda.

As Irmãs de Horta é uma rede que incentiva a Agricultura Urbana na RMB. De acordo com entrevista realizada com a Alzira, ela relata “A gente vai lá, tipo assim, quer ter na tua casa uma horta, a gente vai, te apoia, constrói a horta, faz tudo contigo e depois a gente te ensina a voar sozinha(o), a ter autonomia” (Entrevista de campo, 2025). Nagib (2016) menciona Nahmiar; Le Caro (2012) a agricultura urbana floresce a partir de iniciativas de uma parcela de pessoas preocupadas com a questão alimentar e com as novas formas de ocupação de espaços públicos, com a valorização da cultura local e reivindicação social e política dos espaços urbanos. São essas iniciativas que fazem a diferença na RMB, ainda é uma pequena parte da população que tem essa preocupação, mas já é um caminho para um ambiente urbano mais saudável no âmbito social, ambiental e econômico.

A sede do coletivo se localiza no bairro Parque Guajará, Distrito de Icoaraci em Belém-PA. Alzira Santos argumenta que “O Espaço físico do coletivo Irmãs da Horta é, portanto, um lugar onde a cultura ancestral de produção de alimentos gera bem-estar,

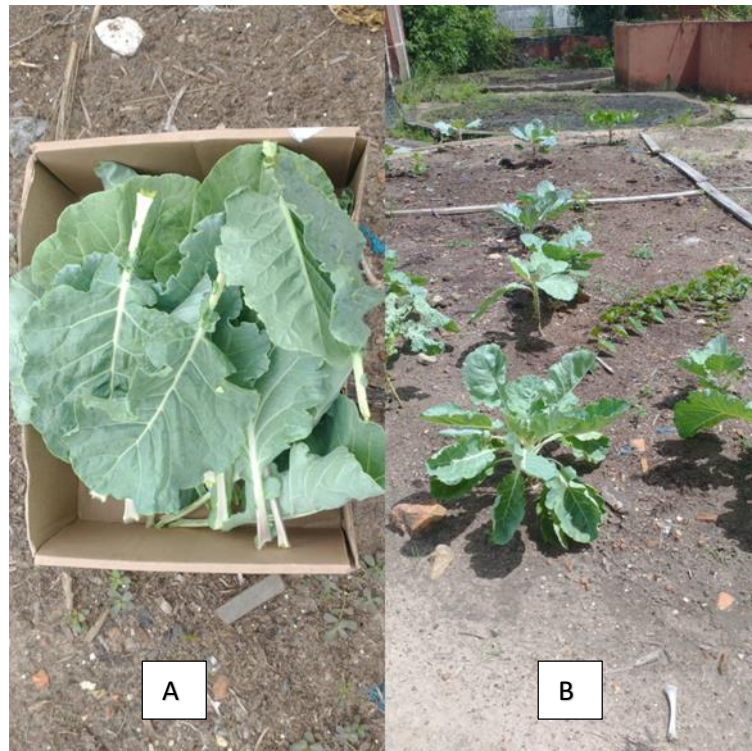
saúde, alegria, trabalho e renda. O coletivo visa fortalecer cada vez mais a AUP como ferramenta de empoderamento feminino, geração de renda e sustentabilidade. “A iniciativa da agricultura urbana tem crescido em muitas cidades do mundo e pode ser uma ferramenta eficaz para auxiliar e combater a miséria, melhorar a segurança alimentar e nutricional de algumas comunidades urbanas e criar um habitat urbano melhor” (Cribb; Cribb, 2009, p. 3). São com esses aspectos que a agricultura urbana tem crescido bastante no mundo, principalmente com uma visão mais humanista, sem separar a natureza e a sociedade. Nota-se a importância da difusão da agricultura urbana em Belém-PA, pois:

De fato, as práticas de AUP vêm (i) intervindo no enfrentamento direto da redução da insegurança alimentar; (ii) desenvolvendo relação com lazer, saúde, nutrição, saneamento; (iii) valorizando a cultura, educação ambiental e desenvolvimento sustentável das cidades; (iii) produzindo alimentos orgânicos e agroecológicos; (iv) desenvolvendo ações educativas no contexto do direito humano à alimentação, na qualidade nutricional e na soberania e segurança alimentar; (v) estimulando ações para o autoconsumo, geração de trabalho e renda, com enfoque na sustentabilidade social, econômica e ambiental, através da produção de alimentos saudáveis (Coletivo Nacional de Agricultura Urbana, 2015, p. 2).

Abaixo, as figuras 2, 3 e 4 representam uma diversidade na produção de hortaliças, feita pelo coletivo Irmãs da Horta. O coletivo tem uma grande iniciativa em realizar esses plantios e de acordo com suas demandas, alguns são consumidos pelos integrantes, às vezes são doados ou vendidos. Nesse caso, o plantio é realizado em uma antiga fábrica localizada ao lado de um *shopping* em Belém/PA, onde o coletivo recebe o apoio desse *shopping* e faz doação para que os trabalhadores se dividem entre si.



Figura 2- Plantio de cheiro verde em uns dos espaços cedidos para o coletivo irmãs da horta.  
Fonte: Corrêa, 2025.



*Figura 3- Colheita da couve (A) e plantio da couve (B) feito pelo coletivo irmãs da horta.  
Fonte: Corrêa, 2025.*



*Figura 4- Plantio de maracujá (A) e plantio de abacaxi (B).  
Fonte: Corrêa, 2025.*

Com a experiência do coletivo irmãs da horta, nota-se as possibilidades de produzir alimentos agroecológicos em áreas urbanas. Para Ribeiro et al., (2012), é possível sim produzir alimentos dentro do perímetro urbano e periurbano e levando em conta a relação do ser humano, cultivo e animal. Mesmo que em espaços pequenos, o

cultivo de plantas medicinais e hortaliças são possíveis dentro desses perímetros, principalmente o urbano. Outro fato necessário a ser mencionado é o protagonismo social que todas essas experiências têm. Ainda de acordo com Ribeiro et al., (2012) com essa participação e mobilização comunitária promovida pela Agricultura Urbana, as pessoas podem atuar como multiplicadores e disseminadores dos conhecimentos e práticas em diversos espaços nas cidades.

Com todas essas experiências de AUP citadas, surgem as feiras agroecológicas e orgânicas, em Belém/PA se têm diversas feiras que comercializam produtos agroecológicos. As feiras têm uma grande relevância para a valorização dos agricultores(as) e a comercialização dos seus produtos. “As feiras de produtos coloniais e agroecológicos assumem importante papel por duas razões em especial: a primeira, porque promovem a SAN; a segunda, por fomentarem a aproximação entre produtor e consumidor” (Pozzebon; Rambo; Gazolla, 2016, p. 8). Ainda de acordo com os autores, essas feiras são importantes para os agricultores, pois eles conseguem escoar sua produção, garantir melhores preços e ocorre uma maior aproximação com seus consumidores (Pozzebon; Rambo; Gazolla, 2016). Um exemplo dessa aproximação entre produtores e consumidores é através do trabalho da rede GRUCA+Iacitatá fortalece o consumo e a comercialização desses produtos através da rede social whatsapp onde se tem um grupo dos agricultores(as) com os consumidores e a loja virtual, onde os consumidores podem realizar seus pedidos<sup>2</sup>, isso fortalece ainda mais a aproximação entre eles e assim os consumidores já sabem de onde e de qual agricultor(a) aquele produto está vindo. Além disso, o GRUCA realiza vivências no lote de agricultores(as) que faz parte da teia do grupo, essas vivências fortalecem e valorizam o trabalho dos agricultores(as) envolvidos, mas também, mostra para os consumidores de onde aquele alimento está vindo e quais são as práticas utilizadas.

As imagens abaixo representam um pouco das vivências organizadas pelo GRUCA em um lote de um dos agricultores parceiro do grupo (imagem 5 e 6). Essas figuras representam essa aproximação entre os agricultores(as) e os consumidores, como essa aproximação é importante para valorizar e conhecer o trabalho realizado por eles (as). Nessa vivência, evidenciada nas imagens, mostra um pouco como é feita a farinha, ocorre uma grande troca de conhecimentos entre todos. Na imagem 7 a imagem de uma feira agroecológica em Belém.

---

<sup>2</sup>Link da loja virtual GRUCA+Iacitatá: <https://paneiro.cestaagroecologica.com.br/sobre-nos/>



*Figura 5 - Torra da farinha.  
Fonte: Corrêa, 2024.*



*Figura 6- Farinha pronta para o consumo.  
Fonte: Corrêa, 2024.*



*Figura 7 - Feira agroecológica localizada na Praça Batista, Belém/PA.  
Fonte: Corrêa, 2024.*

Todas essas experiências citadas e as feiras agroecológicas, em conjunto com os conhecimentos, práticas, cultura, história, segurança alimentar e nutricional, formam um Sistema Agroalimentar Local (SIAL). Segundo Muchnik (2006 apud Menezes; Curvelo; Deretti, 2020), aponta três noções para compreender o SIAL, são eles: as noções de territórios, referências identitárias e a alimentação como fator social. Com isso, nota-se a importância das experiências citadas, simplesmente pelo fato de não ter a visão somente da produção, mas também, das questões sociais, ambientais, econômicas e culturais da Região Metropolitana de Belém.

## 5. CONSTRUÇÃO DO MERCADO AGROECOLÓGICO LOCAL

Quando observamos as diversidades citadas no início do trabalho, nota-se que a construção desses mercados na RMB tem uma grande relação sociocultural com o território, uma relação totalmente diferente dos mercados convencionais. Os mercados surgem como um espaço onde ocorre as trocas e vendas de bens e serviços, com o passar dos anos, foi se modificando e crescendo cada vez mais. Segundo Schneider (2016), os mercados fazem parte dos processos sociais de produção e reprodução da sociedade e também influenciam a vida das pessoas, seus valores e culturas. Ainda segundo o mesmo autor, existem três formas de definir os mercados: os mercados como *locus*, mercados como um princípio de ordenamento social e como uma construção social. Nessa perspectiva, surgem então, os mercados alternativos, onde se tem uma perspectiva para além do lucro, com maior visão à valorização dos produtos locais e uma maior aproximação com os agricultores(as), diferente dos mercados convencionais. Na tipologia de Schneider (2016) sobre os mercados da agricultura familiar se tem os “Mercados de proximidade” e os “Mercados locais e territoriais”, onde, observa-se, que os mercados agroecológicos se encaixam nessas duas lógicas de comercialização que vai para além da compra e venda, mas sim uma relação social entre os consumidores e agricultores(as). Para Magalhães (2023) essas redes alternativas surgem como excelentes propostas para ter acesso a alimentos saudáveis para todos, sendo diferente do modelo convencional.

Os mercados agroecológicos ou mercados alternativos promovem o consumo consciente, acesso aos alimentos livres de agrotóxicos e valorização dos saberes tradicionais através de uma maior aproximação dos consumidores e agricultores(as). Para Antunes Junior et al (2019, p. 201 e 202), os mercados alternativos, por sua vez, estão associados às esferas locais e com relações diretas entre compradores e vendedores. Nierdele (2009) argumenta que esses mercados são vistos do âmbito local e sua

construção é enraizada em relações socioculturais conectadas com a localidade, tradições, origem e natureza e o modo de produção. A construção desses mercados se dá, muitas das vezes, nas premissas da agroecologia, isto é, as dimensões sociais, econômicas e ambientais. Caporal e Costabeber (2004) evidenciam que a agroecologia visa um estilo de agricultura menos agressiva ao meio ambiente, promove a inclusão social e melhores condições econômicas aos agricultores.

Na Região Metropolitana de Belém, tem crescido e consolidado as feiras orgânicas e agroecológicas. Em um estudo feito por Caldas e Pontes (2020), foram identificadas sete feiras agroecológicas, sendo elas: feira da Praça Batista Campos, Praça Brasil, Feira da agricultura Familiar, Feira da Aliança Francesa, feira da SEMAS, feira do PEUT - feira da biodiversidade e feira da Embrapa. Com isso, essas feiras se somam às diversidades trabalhadas no primeiro tópico, ou seja, as pesquisas trazem esse aumento e a importância das feiras na RMB, não somente no âmbito econômico, mas também, na valorização cultural da biodiversidade paraenses, valorizando ainda mais os produtos dos agricultores(as) locais na região, fortalecendo ainda mais a agricultura familiar e a agricultura urbana e periurbana de Belém e de outros municípios da região metropolitana e de outros municípios paraenses. Eduardo et al., (2023, p. 134) “esses mercados se caracterizam por mecanismos de comercialização para os produtos agroecológicos fortemente amparados em redes coletivamente constituídas e no acúmulo de conhecimentos produzidos pelas diferentes experiências, nem sempre exitosas, de comercialização”.

Dentro desses mercados alternativos ou agroecológicos, uma de suas prioridades são os Circuito Curto de Comercialização (CCC) e os Circuito Curto de Aproximação (CCA), embora visualmente semelhantes, tratam-se de conceitos distintos. Segundo Rover e Darolt (2021), um CCC é quando o produto chega até o consumidor com as informações de onde foi produzido, quem produziu e de que forma foi produzido. Os mesmos autores argumentam que o número de intermediário é um dos pontos chaves entre a produção e o consumo, ou seja, o número de intermediário em sistemas curtos de comercialização são pouquíssimos ou quase zero. Já os Circuitos de Aproximação é a relação entre consumidores e agricultores(as). Conforme aponta os autores Cassarino e Ferreira (2016), a construção dos circuitos de proximidade são orientados por princípios de solidariedade, confiança, horizontalidade e participação coletiva, isto é, em um CCA os consumidores estão comprando diretamente dos/as agricultores(as), fortalecendo a confiança e a reciprocidade, além de também ter um contato com quem realmente está

produzindo aquele alimento. Nota-se que os princípios e as perspectivas do CCC e CCA são bem diferentes do mercado convencional e do agronegócio, onde um lado tem uma pegada mais social, cultural e ambiental, já o convencional é vender por vender e ter o lucro no final.

Uma das experiências citadas no primeiro tópico, o GRUCA+Iacitató, onde a visão deles é totalmente voltada para os mercados agroecológicos, sendo os principais atores sociais os/as agricultores(as) que fazem parte da Teia do GRUCA. Os circuitos curtos de comercialização são uma das premissas do GRUCA. Segundo a análise de Silva et al., (2017) “Os circuitos curtos de comercialização, notadamente as feiras livres, têm se mostrado estrategicamente promissores no propósito de efetivar o escoamento da produção de muitos agricultores familiares”. Ainda segundo os autores, se têm três principais características de cadeias curtas: especificidade, aproximação entre produção e consumo e enraizamento. Com isso, os grupos agroecológicos e orgânicos que realizam as vendas de produtos na RMB optam por fazer a comercialização através dos circuitos curtos de comercialização.

Os mercados agroecológicos ou alternativos, com base na agroecologia e alimentos sem agrotóxicos, estão intrinsecamente ligados à prática da AUP. No entendimento dos autores Curan e Marques (2021, p. 219) “O exercício da agricultura nas áreas urbanas e periurbanas possui uma característica bastante relevante: a proximidade entre a produção e o mercado consumidor”. Com isso, nota-se a sua ligação, direta ou indireta, com os CCC e os CCA. Um fator importante a ser mencionado é a multifuncionalidade da AUP, pois, essa prática de agricultura em áreas urbanas e/ou periurbanas, leva em conta os fatores ambientais, sociais, culturais e econômicos. Com essa multifuncionalidade, ela vai apresentar um modelo que atende as demandas da sociedade que são a proteção ambiental, segurança alimentar e a preservação de tradições culturais (Curan; Marques, 2021). É necessário valorizar esses mercados através da agricultura urbana e periurbana, aproximando consumidores e agricultores(as). Para Darolt (2013, p. 157) “Ao comprar diretamente, os consumidores expressam seu desejo de apoiar a economia local, bem como estreitar o relacionamento com os produtores”. Ainda nesse contexto, essa forma de agricultura está ligada aos mercados locais agroecológicos, pelo fato de seguir as mesmas ideologias para um desenvolvimento justo nos âmbitos sociais, ambientais e econômicos na Região Metropolitana de Belém, mas também, fazer a população acessar e perceber a importância desses canais de

comercialização que têm perspectivas totalmente diferentes do mercado convencional capitalista.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate acerca da AUP na Região Metropolitana de Belém é necessário, uma vez que, a temática vem crescendo e ganhando espaço nos debates dentro e fora das universidades, assim como os movimentos agroecológicos. Nota-se as múltiplas formas de fazer agricultura de base agroecológica em espaços urbanos, não somente com o intuito de produzir, mas também aumentar o debate da importância da AUP, acesso a produtos sem agrotóxicos, incentivos de manter as áreas verdes e aumentar a segurança alimentar da população e geração de renda às famílias. Então, essa agricultura é multidiversa, onde vai desde os aspectos de práticas e técnicas agroecológicas até o acesso e consumo de alimentos sem agrotóxicos, envolvendo os pilares sociais, econômicos e ambientais.

No âmbito desse debate, vale destacar as políticas públicas específicas e recentes para as AUPs, mesmo que o movimento esteja crescendo, pouco é visto o fortalecimento dessa atividade através das políticas, muitas das vezes ficam somente na teoria. Os coletivos estão desempenhando um papel muito importante na disseminação de conhecimento da AUP, mas por outro lado, o poder público não fortalece a realização dessas atividades. Isso mostra que, mesmo com desafios, os coletivos e as organizações são resilientes e resistentes em fazer agricultura urbana e periurbana, fortalecendo o acesso e consumo de alimentos saudáveis e incentivando a população a plantar em casa.

Outro aspecto necessário para ser colocado são os mercados agroecológicos, todos esses aspectos citados ao longo do trabalho, formam os mercados agroecológicos locais na Região Metropolitana de Belém, com grande enraizamento cultural, social e histórico que precisam ser valorizados e fazer a ruptura do campo-cidade ou urbano-rural, onde somente se produz no rural/campo, mas ter a percepção que no meio urbano também pode produzir alimentos agroecológicos.

## REFERÊNCIAS

AS-PTA - Agricultura Familiar e Agroecologia. Subsídio para uma Política Nacional de Agricultura Urbana Periurbana (PNAUP) - Coletivo Nacional de Agricultura Urbana (CNAU). Rio de Janeiro: AS-PTA, 2025. Disponível em: <<https://aspta.org.br/2015/04/17/cau/>>. Acesso em: 18 abril 2025.

AZEVEDO, Edisio Oliveira de. **Desafios e perspectivas da Agroecologia**. In: CAPORAL, Francisco Roberto; AZEVEDO, Edisio Oliveira de. (Orgs). Princípios e perspectivas da agroecologia. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2011, p. 167 - 181. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/consagro/files/2012/03/CAPORAL-Francisco-Roberto-AZEVEDO-Edisio-Oliveira-de-Princ%C3%ADpios-e-Perspectivas-da-Agroecologia.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2025.

ANTUNES JUNIOR, Wolney Felipe *et al.* Agricultura familiar, mercado e agroecologia: Cabem todos na mesma cesta. **Revista Nucleus**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 197–210, 2019. Disponível em: <<https://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/3597>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

CIDSE. Os princípios da agroecologia. Bruxelas: CIDSE, 2018. Disponível em: <https://www.cidse.org/2018/04/03/the-principles-of-agroecology/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

CÂMARA MUNICIPAL DE BELÉM. Lei Nº 9916/2023, DE 24 DE JULHO DE 2023. Institui a Política Municipal de Apoio à Agricultura Urbana e Periurbana de Belém, e dá outras providências. Belém, 24 jul. 2023. Disponível em: <<https://cmb.pa.gov.br/lei-no-9916-2023-de-24-de-julho-de-2023/>>. Acesso em: 18 abril 2025.

CALABRÓ, Guilherme; RETIÈRE, Morgane. Criando um grupo de consumo responsável: um passo a passo para começar a estabelecer um GCR. **Piracicaba: Instituto Terra Mater**, 2016. Disponível em: <<https://biblioteca-salaverde.acervos.ufsc.br/colecao-virtual/criando-um-grupo-de-consumo-responsavel-um-passo-a-passo-para-comecar-e-estabelecer-um-gcr/>>. Acesso em: 18 abril 2025.

CALDAS, Ágata Maise de Jesus; PONTES, Altem Nascimento. Práticas sustentáveis de comerciantes e consumidores de feiras agroecológicas na Cidade de Belém–PA. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 9, 1 - 17 p., 2020. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/343866409\\_Praticas\\_sustentaveis\\_de\\_comerciantes\\_e\\_consumidores\\_de\\_feiras\\_agroecologicas\\_na\\_Cidade\\_de\\_Belem\\_-\\_PA](https://www.researchgate.net/publication/343866409_Praticas_sustentaveis_de_comerciantes_e_consumidores_de_feiras_agroecologicas_na_Cidade_de_Belem_-_PA)>. Acesso em: 29 jun. 2025.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004, 24 p. Disponível em: <<https://www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/Agroecologia-Conceitoseprincípios.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

CURAN, Roberta Moraes; MARQUES, Paulo Eduardo Moruzzi. Multifuncionalidade da agricultura urbana e periurbana: uma revisão sistemática. **Estudos Avançados**, v. 35, p. 209-224, 2021.

CRIBB, Sandra Lucia de Souza Pinto; CRIBB, André Yves. **Agricultura urbana: alternativa para aliviar a fome e para a educação ambiental**. In: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. 2009, Porto Alegre, RS. 1 - 14 p. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/662290/agricultura-urbana-alternativa-para-aliviar-a-fome-e-para-a-educacao-ambiental>>. Acesso em: 25 jun. 2025.

CURVELO, Eder Bruno Couto *et al.* **Sistema agroalimentar localizado e desenvolvimento territorial sustentável: um estudo da experiência dos produtores de cachaça do município de Morretes-PR.** 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/5520/552068861026/552068861026.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

DAROLT, Moacir Roberto. **Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores.** In: NIEDERLE, Paulo André; ALMEIDA, Luciano de; VEZZANI, Fabiane Machado (Org.). *Agroecologia: prática, mercados e políticas para uma nova agricultura.* Curitiba: Kairós, 2013. p. 139 - 170. Disponível em: <<https://terradedireitos.org.br/wp-content/uploads/2013/07/Livro-AGROECOLOGIA-FINAL-IMPRESSO.pdf>>. Acesso em 30 jun. 2025.

EDUARDO, Márcio Freitas; EDUARDO, Daiana Carla Bordulis. A construção territorial de mercados na Agroecologia: uma análise sobre o Núcleo Alto Uruguai da Rede Ecovida de Agroecologia. **Revista Mutirão. Folhetim de Geografias Agrárias do Sul**, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 130–152, 2024. DOI: 10.51359/2675-3472.2023.261626. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/mutiro/article/view/261626>. Acesso em: 28 jun. 2025.

FAO – **Food and Agriculture Organization of the United Nations.** *Urban and peri-urban agriculture,* Roma, 1999. Disponível em: <[www.fao.org/unfao/bodies/coag/coag15/X0076f.htm](http://www.fao.org/unfao/bodies/coag/coag15/X0076f.htm)>. Acesso em: 18 abril 2025.

GONZAGA, Noel Bastos; GUERRA, Gutemberg Armando Diniz; ROCHA, André Carlos de Oliveira. GRUCA (Grupo para Consumo Agroecológico): autogestão e cooperação entre consumidores e produtores da Feira Orgânica de Belém e do Assentamento Mártires de Abril (Mosqueiro–Belém–Pará). **Cadernos de Agroecologia [Volumes 1 (2006) a 12 (2017)]**, v. 10, n. 3, 2015. Disponível em: <<https://www.aba-agroecologia.org.br/revista/cad/article/view/17381>>. Acesso em: 23 jun. 2025.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. Manual de pesquisa qualitativa. Belo Horizonte: **Grupo Ânima Educação**, p. 48, 2014. Disponível em: <<https://docente.ifsc.edu.br/luciane.oliveira/MaterialDidatico/P%C3%B3s%20Gest%C3%A3o%20Escolar/Legisla%C3%A7%C3%A3o%20e%20Pol%C3%ADticas%20P%C3%ABlicas/Manual%20de%20Pesquisa%20Qualitativa.pdf>>. Acesso em: 21 jun 2025.

INSTITUTO ESCOLHAS. **Os desafios e o potencial da agricultura urbana e periurbana em Belém.** São Paulo: 2022. Disponível em: <<https://agriculturaembelem.escolhas.org/>>. Acesso em: 18 abril 2025.

MADALENO, Isabel Maria. **As cidade das mangueiras: agricultura urbana em Belém do Pará,** 2002.

MAGALHÃES, Társis Ney Castelo Branco Barros. **Construção social do mercado agroecológico com base em circuitos de proximidade: experiência do grupo para consumo agroecológico (GRUCA).** Orientador: Aquiles Vasconcelos Simões. 2023. 159 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia) - Núcleo de Meio Ambiente, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/16021>>. Acesso em: 25 jun. 2025.

NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL. Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em: 18 abril 2025.

NAKAMURA, Angelica Campos; RANIERI, Guilherme Reis. **Agricultura Urbana: agroecologia, alimentação, saúde e bem-estar**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

NAGIB, Gustavo. **Agricultura urbana como ativismo na cidade de São Paulo: o caso da Horta das Corujas**. 2016. Orientador(a): Amália Inés Geraiges de Lemos. 434 p. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NIEDERLE, Paulo André. Delimitando as fronteiras entre mercados convencionais e alternativos para a agricultura familiar. **Extensão rural**, n. 18, p. 1-37, 2009. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/extensaorural/art1ed18.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2025.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 39, n. 1, p. 13–37, 1996. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1996.111579. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/ra/article/view/111579>>. Acesso em: 21 jun. 2025.

PLANTAFORMAS. Irmãs da Horta: empoderamento feminino, alimentos orgânicos e um futuro sustentável. Disponível em: <<https://plantaformas.org/assemblies/irmas-da-horta>>. Acesso em: 18 abril 2025.

POZZEBON, Luciana; RAMBO, Anelise Graciele; GAZOLLA, Marcio. As cadeias curtas das feiras coloniais e agroecológicas: autoconsumo e segurança alimentar e nutricional. **Desenvolvimento em questão**, v. 16, n. 42, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/752/75253741020/75253741020.pdf>>. Acesso em: 25 jun 2025.

PEREZ-CASSARINO, Julian; FERREIRA, Angela Duarte Damasceno. Redesenhando os mercados: a proposta dos circuitos de proximidade. **Espacio Regional. Revista de Estudios Sociales**, v. 1, n. 13, p. 49-65, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ulagos.cl/index.php/espacioregional/article/view/3010>>. Acesso em: 29 jun, 2025

ROSA, Pedro Paulo Videiro. Políticas públicas em agricultura urbana e periurbana no Brasil. **Revista Geográfica de América Central**. v. 2, n. 47E, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2384>>. Acesso em: 21 jun 2025.

RIBEIRO, Silvana *et al.* Agricultura urbana agroecológica: estratégia de promoção da saúde e segurança alimentar nutricional. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/408/40823864017.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2025.

ROVER, Oscar José; DAROLT, Moacir Roberto. **Circuitos curtos de comercialização como inovação social que valoriza a agricultura familiar agroecológica**. In: ROVER, Oscar José; DAROLT, Moacir Roberto (Org.). Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social. Florianópolis, SC: Estúdio semprelo, 2021, p. 19 - 43. Disponível em:

<[https://www.agricultura.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/documento/2021-10/circuitos\\_curtos\\_2.pdf](https://www.agricultura.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-10/circuitos_curtos_2.pdf)>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SANTOS, Mariana Moreira; OLIVEIRA, Taynara Laís Martins de; BERNARDES, Maria Beatriz Junqueira. Uma breve análise da feira agroecológica do parque do sabiá em Uberlândia-MG. **Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental**, v. 23, n. 2, p. 382-397, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/8447>>. Acesso em: 18 abril 2025.

SANTANDREU, Alain; LOVO, Ivana Cristina. Panorama da agricultura urbana e periurbana no Brasil e diretrizes políticas para sua promoção: identificação e caracterização de iniciativas de AUP em regiões metropolitanas brasileiras. **Documento referencial geral. Belo Horizonte: REDE, IPES–Promoción del Desarrollo Sostenible, RUAFAO, MDS, SESAN, DPSD**, n. 4, 2007. Disponível em: <<https://1library.org/document/qo506mj0-panorama-agricultura-urbana-periurbana-brasil-diretrizes-pol%C3%ADticas-promo%C3%A7%C3%A3o.html>>. Acesso em: 21 jun. 2025.

SCHNEIDER, Sérgio. **Mercados e agricultura familiar**. In: Marques, Flávia Charão; CONTERATO, Marcelo Antônio; SCHNEIDER, Sérgio (Orgs.). Construção de mercados e agricultura familiar: desafios para o desenvolvimento rural. 1 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 93 - 142.

SILVA, Mônica Nardini da *et al.* A agricultura familiar e os circuitos curtos de comercialização de alimentos: estudo de caso da feira livre do município de Jaguarão, RS, Brasil. **Revista Espacios**, v. 38, n. 47, p. 7, 2017. Disponível em: <<https://www.revistaespacios.com/a17v38n47/a17v38n47p07.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2025.

SOUZA, Gabriele Paula da Silva e, *et al.* Dados sobre a entrega dos painéis cabanos GRUCA + Iacitá, nos anos de 2020 e 2021. **ParaOnde!?**, online, v. 17, n. 1, p. 26-40, 2023. Edição especial. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-0003.129887>. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/15662>. Acesso em: 19 jul. 2025.

ZAAR, Miriam Hermi. A AGRICULTURA URBANA E PERIURBANA (AUP) NO MARCO DA SOBERANIA ALIMENTAR. **Sociedade e Território**, [S. l.], v. 27, n. 3, p. 26–44, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/7870>. Acesso em: 19 jul. 2025.